

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Elza Aparecida Geraldo Fonseca

A identidade racial através da literatura afro-brasileira

Belo Horizonte

2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO LATU-SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA
-LASEB**

Elza Aparecida Geraldo Fonseca

A identidade racial através da literatura afro-brasileira

Belo Horizonte

2012

Elza Aparecida Geraldo Fonseca

A identidade racial através da literatura afro-brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Profº Drº José Eustáquio de Brito.

Belo Horizonte

2012

Elza Aparecida Geraldo Fonseca

A identidade racial através da literatura afro-brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof^o Dr^o José Eustáquio de Brito.

BANCA EXAMINADORA

José Eustáquio de Brito – Faculdade de Educação da UEMG

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

Belo Horizonte

2012

Elza Aparecida Geraldo Fonseca

Dedico este trabalho a minha família, em especial ao meu marido, pelo apoio, aos meus alunos, que foram sujeitos fundamentais na realização deste projeto.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero agradecer a Deus que ilumina meus caminhos em todas as minhas conquistas e vem me dando forças para chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais, pelo amor incondicional, e por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Ao meu marido pela paciência, compreensão e companheirismo durante todo o curso.

Aos meus professores, pelos conhecimentos adquiridos.

E finalmente aos colegas de curso, pela convivência, trocas de experiência e aos colegas de trabalho, pelo carinho e compreensão nas minhas ausências nos eventos aos sábados.

RESUMO

Este trabalho consiste na sistematização de um Plano de Ação Pedagógica, desenvolvido no ano de 2011, na Escola Municipal Antônia Ferreira, no bairro São João Batista, em uma turma de 3º ano do 1º ciclo de alunos com idade entre 8 e 9 anos. A partir da observação, análise e reflexão da minha prática pedagógica, relacionando-a e problematizando-a com as referências conceituais e conhecimentos adquiridos ao longo do curso de especialização, construí o Plano de Ação denominado: “Identidade racial através da literatura afro-brasileira.” Esse projeto teve como objetivo promover nos alunos o respeito pela diversidade étnico-racial, valorizando a cultura negra e a construção de uma identidade racial, despertando iniciativas positivas de si e do outro. Ele foi desenvolvido ao longo dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2011, por meio de atividades que consistiram em textos informativos e reflexivos, literatura brasileira com a temática racial e literatura afro-brasileira, atividades lúdicas, entre elas as oficinas. Os resultados alcançados foram: um reconhecimento da identidade afro-brasileiro e um diálogo efetivo com os alunos sobre as relações étnico raciais.

Palavras-chave: identidade étnico-racial, escola, literatura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIA FERREIRA	11
2.1. Breve histórico	11
2.2. Caracterização da clientela e comunidade	12
2.3. A turma	12
3. JUSTIFICATIVA.....	14
4. OBJETIVOS	15
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
5.1. A Lei 10.639/03.....	16
5.2. A construção de Identidade Racial.....	17
5.3. Literatura Infantil: Breve Histórico	18
5.4. Literatura afro-brasileira	19
6. INDICAÇÕES METODOLÓGICAS.....	21
7. DESENVOLVIMENTO.....	22
8. AVALIAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO.....	27
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
11. ANEXOS.....	30

1. INTRODUÇÃO

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a escola é palco de manifestação de racismo, discriminação social e étnica, por parte de professores, de alunos, da equipe escolar, ainda que de maneira involuntária ou inconsciente. A escola em que leciono não está diferente das demais e por isso também é afetada pelo racismo que existe no meio social.

Durante toda a minha trajetória educacional primeiro como aluna, depois como educadora, tenho percebido que algumas situações de racismo fazem parte da nossa rotina escolar e que reagimos como se fosse algo natural. O foco da minha observação na Escola Municipal Antônia Ferreira (EMAF) foram os alunos do terceiro ano do primeiro ciclo. Percebi que, das cinco turmas de terceiro ano, as melhores turmas tinham menos alunos negros que as últimas. Os alunos mais indisciplinados e com mais dificuldades de aprendizagem, na grande maioria, são alunos negros. Até na disposição nas salas, os alunos negros ocupam os lugares do fundo ou nos cantos da sala. Sem falar nos apelidos pejorativos que expõem os alunos colocando-os em situação de constrangimento.

Toda essa situação faz parte do cotidiano da maioria das escolas e tudo isso acontece de maneira inconsciente, fazendo com que os alunos negros se sintam inferiorizados em relação aos outros e com a auto-estima baixa, colocando em dúvida o seu pertencimento na sociedade.

Sabemos que a escola tem uma função importante na temática da diversidade étnica e racial, pois é o espaço em que se dá a convivência entre crianças de origem e nível socioeconômico diferentes e onde são ensinadas as regras para um convívio democrático. Mas, como afirma Gomes (2002), a escola é um importante espaço no qual também se desenvolve o tenso processo de construção da identidade negra. Lamentavelmente, na maioria das vezes, a instituição escolar aparece nas lembranças reforçando estereótipos e representações negativas sobre o negro e o seu padrão estético.

Essas inquietações me motivaram a elaborar um plano de ação tendo como eixo norteador a construção da identidade étnico-racial das crianças. Escolhi a literatura para trabalhar essa temática, pois exerce um papel mobilizador de transformações na vida de uma criança, mexendo com o imaginário, emoções e sentimentos.

O plano de ação denominado como “A identidade racial através da literatura afro-brasileira” fez com que a literatura, que muda o contexto de preconceito e discriminação, se tornasse um instrumento no processo de mudança e de reconhecimento e pertencimento social.

2. A ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIA FERREIRA

2.1. Breve histórico

A Escola Municipal Antônia Ferreira foi inaugurada em 17 de junho de 1971, através da expansão do plano educacional da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Prestando uma justa homenagem, a escola recebeu o nome da eminente educadora mineira “Antônia Ferreira Brant”. A professora “Antônia Ferreira Brant”, filha do professor Antônio Vicente Ferreira da Silva e de Dona Maria José de Oliveira e Silva, nasceu em 6 de outubro de 1877, no Arraial da Serra do Bacalhau, hoje, cidade de Guaraciaba, destacou-se nos serviços prestados ao magistério e em obras sociais.

A escola iniciou suas atividades com poucos alunos e professoras, em uma comunidade afastada e ambiente desconhecido. Com o crescimento da região de Venda Nova, a demanda de alunos foi aumentando, fazendo-se necessárias ampliações na escola, a primeira em 1979 e a segunda em 1989.

Uma grande conquista do orçamento participativo de 2005 foi à construção da quadra coberta e do auditório que comporta 187 pessoas sentadas confortavelmente. Com a implantação do Projeto Escola Integrada em 2007, a escola passou por mais uma grande reforma, ampliando a cantina e criando um refeitório. Os banheiros também foram ampliados e reformados.

No ano de 2011 a escola completou 40 anos, com a estrutura física de 17 salas de aula, atendendo o Ensino Fundamental Regular (1º e 2º ciclos) e Educação de Jovens Adultos. Participa dos projetos: Escola Integrada, Programa Saúde Escola, atendendo grande número de crianças. Possui também o Projeto Escola Aberta, que atende a comunidade nos finais de semana.

A equipe de professoras, todas possuem formação superior em cursos como Normal Superior e Pedagogia. No quadro de professores há um número considerável de professoras negras.

A escola ainda não elaborou o Projeto Político Pedagógico (PPP); a sua construção é o principal objetivo de toda a comunidade escolar e da atual gestão. Sabemos da importância do PPP como referencial para a condução das atividades realizadas na escola, mas a sua ausência não impede que haja uma unanimidade entre toda a equipe da escola em promover um ensino de qualidade. A seriedade e compromisso de todos possibilitam uma boa organização do trabalho e resultados significativos.

2.2. Caracterização da clientela e comunidade

A Escola Municipal Antônia Ferreira possui 17 salas e funciona em três turnos. No primeiro turno atende crianças do segundo ciclo (9, 10 e 11 anos). No segundo turno atende a crianças do primeiro ciclo (6, 7 e 8 anos) e, no noturno, o atendimento é para jovens e adultos.

A clientela atendida pela escola é, em sua maioria, composta por crianças provenientes da vila próxima (Vila Aparecida). São alunos carentes, que geralmente não têm acompanhamento familiar e conseqüentemente apresentam dificuldades de aprendizagem.

A relação da escola com a comunidade é tranquila, havendo abertura para o diálogo e busca de soluções para os conflitos. Mas não há uma presença efetiva dos pais nas reuniões de pais, muito menos nas assembleias quando são convocados.

2.3. A turma

A turma do 3º ano do 1º ciclo era heterogênea na aprendizagem e nas etnias, tendo em vista que nesta turma há alunos brancos, pardos e negros. Ela era composta por vinte e quatro alunos com idade entre oito e dez anos. Eram treze meninos e onze meninas, sendo uma com necessidade especial, autista.

A turma era muito tranquila, porém havia conversas paralelas comprometendo a concentração e o empenho por alguns alunos. A turma era bastante interessada e a maioria dos alunos participava ativamente de todas as tarefas realizadas em sala e extraclasse. Havia um grupo de cinco alunos que apresentava dificuldades na aprendizagem, não conseguindo acompanhar a turma (dos cinco alunos três eram negros).

A participação da família era evidenciada no grupo de alunos com melhor desempenho, pois acompanhavam seus filhos nos deveres de casa e na organização dos cadernos. Em contrapartida, aqueles alunos que demonstravam maior dificuldade na aprendizagem, não tinham um acompanhamento efetivo em casa, pois a família não dava nenhum retorno a respeito das dificuldades que os filhos apresentavam.

3. JUSTIFICATIVA

Mesmo com todas as conquistas no sistema educacional, no cotidiano escolar ainda presenciamos manifestações de racismo, discriminação social e étnica, tanto nas relações interpessoais quanto nos materiais didáticos que parecem atender ao padrão dominante.

Com a implementação da Lei 10.639/03, que obriga a inclusão da História da África e Cultura afro-brasileira no Currículo Escolar, tende-se a minimizar os efeitos do racismo na escola, pois a baixa autoestima dos alunos negros se dá pelo fato de eles não conhecerem as contribuições culturais do povo africano para nós brasileiros.

A desigualdade racial vivenciada no espaço escolar, mesmo acontecendo involuntariamente, me motivou a realizar um trabalho voltado para a temática. A elevação da autoestima e o pertencimento racial do negro são focos de fundamental importância no trabalho realizado. A criança negra precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa.

O trabalho foi realizado em torno dos livros “Menina bonita de laços de fita” de Ana Maria Machado (literatura brasileira com a temática racial), “As tranças de Bintou” de Silviane Diouf (literatura afro-brasileira) e “O cabelo de Lelê” de Valéria Belém (literatura brasileira com a temática racial). Escolhi a literatura infantil por estar mais próximo da realidade do universo da criança, de modo a proporcionar aos alunos, a partir das histórias, fazerem questionamentos e análises críticas, objetivando eliminar preconceitos, ideias, comportamentos veiculados a ideologias do branqueamento e ampliar o acesso a informações sobre a diversidade da nação brasileira e sobre a recriação das identidades, provocadas por relações étnico-raciais.

O projeto tem como público alvo alunos do terceiro ano do primeiro ciclo da Escola Municipal Antônia Ferreira.

4. OBJETIVOS

O plano de ação “A identidade racial através da literatura afro-brasileira” pretende promover nos alunos o respeito pelas diversidades étnico-racial, valorizando a cultura negra e a construção de uma identidade racial, despertando iniciativas positivas de si e do outro. Com os objetivos de acordo com a Lei 10.639/03 de:

- Valorizar as diversas culturas presentes no Brasil, reconhecendo a influência africana no processo de construção da identidade brasileira;
- Incentivar na criança à valorização de seu pertencimento étnico-racial;
- Romper com a imagem negativa contra os negros e afrodescendentes;
- Trabalhar a autoestima através da literatura afro-brasileira, ressaltando que há beleza em todos os tipos físicos.
- Promover a aplicação da lei 10.639/03.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1. A Lei 10.639/03

No decorrer da história do Brasil, o preconceito, o racismo e a discriminação sempre estiveram presentes no cotidiano da população afro-brasileira. As mudanças para o futuro nas relações inter-raciais começam a demonstrar sinais concretos de transformações nesse quadro. Primeiro foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que orientam a promoção da igualdade em um dos temas transversais, Pluralidade Cultural. Mas um passo muito maior e mais significativo para o ensino foi dado com a Lei 10.639/03.

O documento determina que a história da África seja tratada em perspectiva positiva, não privilegiando somente as denúncias da miséria que atinge o Continente. A importância da preservação da memória e a religiosidade, por exemplo, passam a fazer parte dos conteúdos, assim como o conhecimento da contribuição dos egípcios para o desenvolvimento da humanidade.

Segundo Santos, essa lei é (...) fruto das lutas históricas do Movimento Negro na sua luta anti-racista. A lei é uma das principais conquistas deste movimento social no mundo da educação na década atual, juntamente com as políticas de democratização do acesso ao ensino superior – que tem na reserva de vagas em universidades públicas a medida mais conhecida. O Movimento Negro Brasileiro vem, nos últimos anos, voltando seus esforços para o combate às desigualdades raciais, e é esta leitura que orienta seus passos nas lutas no campo da Educação. A compreensão que vem sendo construída é de que as desigualdades raciais, que têm sido identificadas há algumas décadas em diversos estudos, não são frutos de eventualidades, acasos, ou apenas herança histórica do passivo da escravidão a que os africanos trazidos para o Brasil foram submetidos, mas sim de complexas práticas associadas ao racismo, em toda a trajetória educacional.

Segundo Nilma Gomes, a Lei 10.639/03 faz parte das políticas de ação afirmativa, tendo como objetivo central a correção de desigualdades, a

construção de oportunidades iguais para os grupos sociais e étnico-raciais com um comprovado histórico de exclusão e primam pelo reconhecimento e valorização da história, da cultura e da identidade desses segmentos.

5.2. A construção de Identidade Racial

Segundo Nilma Gomes (2008) a identidade negra é um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. Esta relação a autora descreve como tensa, conflituosa e complexa.

Gomes, ao tratar da construção de identidade negra, se apóia em Jacques d'Adesky (2001, p.76) destacando que a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. É fato que a identidade não pode ser construída sozinha e uma das maneiras para ajustar essa construção é através do diálogo.

Conforme destaca Nilma Gomes, no Brasil, a construção da(s) identidades negra(s) passa por processos complexos e tensos. Essas identidades foram (e têm sido) ressignificadas, historicamente, desde o processo da escravidão até as formas sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e às muitas formas de resistência negra num processo – não menos tenso – de continuidade e recriação de referências identitárias africanas (...).

Para tanto, é possível estabelecer uma relação entre a literatura infantil e a construção de identidade étnico-racial buscando uma presença positiva do negro no livro. Mas é muito importante também que este livro seja acessado pelas crianças negras e não-negras, nos diversos espaços sociais, possibilitando, assim, uma interação do leitor negro e não-negro com questões e ilustrações que envolvem a temática étnico-racial, o que contribui para o desenvolvimento de ações e relações baseadas no reconhecimento da humanidade do outro e no respeito à diversidade.

5.3. Literatura Infantil: Breve Histórico

A literatura infantil se constituiu como gênero literário durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade resultaram em repercussões no cenário artístico. Cunha destaca que:

A literatura infantil tem relativamente poucos capítulos, começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria se distanciar da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 2002, p. 22).

No início do século XVIII, a sociedade passa por mudanças com o advento do capitalismo e a criança ganha um novo *status*, pois é um consumidor que precisa ser atendido. Aqueles que dispunham de recursos financeiros usufruíam da mais variada produção literária infanto-juvenil.

Segundo Cunha, as transformações vividas pela sociedade da época causaram mudanças na estrutura familiar, baseada até então na divisão do trabalho entre seus membros, que passam de meros cumpridores de obrigações a indivíduos compostos por objetivos, dotados de uma função existencial. Diante do contexto de mudanças na vida social, a escola não fica de fora; também passa por mudança na sua estruturação. E é nessa perspectiva de estruturação que a escola vai ter uma ligação maior com a literatura. Neste momento de estruturação, conforme afirma Lajolo e Zilberman (2002) a escola vai estreitar seus laços com a literatura.

Oliveira (2003) afirma que a literatura infanto-juvenil surge como um elemento meramente comercial, sem nenhuma preocupação com a temática abordada, sendo que a maioria das obras publicadas são adaptações de obras destinadas ao público adulto. No Brasil, as produções destinadas às crianças e jovens iniciam-se no século XIX, embora na época tenham sido constituídas principalmente, de obras estrangeiras. Na verdade só depois de Monteiro Lobato é que começa de fato o apogeu de tais produções.

Com as estereotípias que se evidenciam nas obras de literatura infantil, desde o surgimento aos dias atuais (com algumas exceções), dificilmente ocorre um sentimento, por parte da criança negra, de aceitação ao grupo étnico ao qual esta pertence, que vai desde a sua “(auto) rejeição como a rejeição de qualquer aspecto que venha a relacionar-se a da sua identidade originária do povo negro”. (CAVALEIRO, 2001, p. 145).

5.4. Literatura afro-brasileira

Fonseca (2006) afirma que é possível perceber que há uma polêmica na discussão veiculada no cenário literário brasileiro acerca das expressões “literatura negra”, “literatura afro-brasileira”. Apesar de bastante utilizadas no meio acadêmico, nem sempre são suficientes para responder às questões propostas por pessoas cujas atividades estão relacionadas com a literatura, a crítica, a educação. Para uma melhor compreensão a autora ressalta alguns acontecimentos importantes. Para ela:

A expressão ‘literatura negra’, presente em antologias literárias publicadas em vários países está ligada a discussões no interior de movimentos que surgiram nos Estados Unidos e no Caribe, espalharam-se por outros espaços e incentivaram um tipo de literatura que assumia as questões relativas à identidade e às culturas dos povos africanos e afro-descendentes. Através do reconhecimento e revalorização da herança cultural africana e da cultura popular, a escrita literária é assumida e utilizada para expressar um novo modo de se conceber o mundo. (FONSECA, 2006, pp. 11 e 12)

Percebo que há uma necessidade de particularização na viabilidade da utilização do termo literatura afro-brasileira por compreender que o referido termo pode funcionar enquanto elemento propiciador de discussão das temáticas que envolvem o grupo étnico negro e também, como destaque das produções destinadas ao negro ou escritas por este.

É possível perceber na afirmação de Fonseca quando a autora menciona que:

Os autores dos Cadernos Negros buscaram dar visibilidade à sua produção e ampliaram a reflexão sobre a condição de trabalho dos escritores negros, sobre a circulação de seus textos, a marginalidade dessa produção e a linguagem com que se expressam. Numa criação literária mais preocupada com a função social do texto, interessa-lhes, sobretudo, a vida dos excluídos por razões de natureza étnico-racial. A relação entre cor e exclusão passa a ser recorrente na produção literária denominada pela crítica como negra ou afro-brasileira. (FONSECA, 2006, p.17)

Acredito que a “literatura afro-brasileira” é bastante ampla e significativa, pois vem carregada de valores e manifestações artísticas vinculadas à África, trazendo legado de cultura para que a criança negra se sinta pertencente de um grupo.

6. INDICAÇÕES METODOLÓGICAS

O Plano de ação “Identidade racial através da literatura afro-brasileira” foi desenvolvido através de atividades variadas que iniciou com a localização do continente africano, a formação étnica do povo brasileiro, arte e a literatura. O foco do Plano de Ação foi trabalhar a identidade racial através da literatura afro-brasileira, mas como os alunos não tinham nenhum conhecimento sobre o continente africano a não ser a última Copa do Mundo e a miséria, que é destacada pela mídia. Assim, a África foi apresentada a eles de forma suscita.

O plano de ação foi organizado com o intuito de responder à obrigatoriedade da aplicação da Lei 10.639/03 no cotidiano da escola, com ações que vão além de uma mera data comemorativa. As atividades foram desenvolvidas ao longo dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2011.

O instrumento utilizado para desenvolver o projeto foi através das literaturas brasileiras e afro-brasileiras proporcionando a discussão, questionamentos e análise crítica. Realizamos, também, leitura de textos informativos e reflexivos, confecção de mural e oficinas.

7. DESENVOLVIMENTO

Como detonador do plano, foi realizada a exibição do filme “Kiriku e a feiticeira”. Após a exibição do filme, realizamos uma conversa informal, destacando alguns pontos importantes do filme e despertando para um olhar crítico em relação à dimensão étnico-racial. O filme agiu como um detonador para entrarmos no tema em questão, pois o personagem em destaque era um menino negro com características adultas (inteligência, coragem, esperteza, sabedoria,...) que lutou para salvar seu povo da malvada feiticeira. A história se passava em uma aldeia em Benim na África.



Em seguida, trabalhei com os alunos o tema “**Conhecendo a África**”. Levei para a sala de aula o Mapa Mundi para localizarmos a África no mundo e o Mapa do continente Africano. Deixei os alunos à vontade para um momento de reconhecimento, sob minha orientação, na medida em que iam surgindo dúvidas sobre os países. Trabalhamos, resumidamente, a fauna, a agricultura, a pecuária e a arquitetura, tudo através de textos e atividades lúdicas, como cruzadinha, caça-palavras, dobraduras e ilustrações.

Durante a realização desse tema, pude observar o entusiasmo dos alunos em vários momentos. No momento de reconhecimento da África através dos mapas, ficavam felizes e empolgados quando encontraram a Ilha de Madagascar, pois associaram ao filme “Madagascar”. Apontaram, também, o

país que havia realizado última Copa do Mundo. Dois alunos me mostraram o país que membros da sua família estavam morando.

Encerrando este momento, passamos para outro tema, “**A formação do povo brasileiro**”. Realizamos em sala de aula a dinâmica do “Espelho Mágico”. Esta dinâmica consiste em que cada aluno se mire ao espelho dizendo o que está vendo (suas características físicas: cor da pele, tipo de cabelo, cor do cabelo, boca, nariz, etc.). No momento que o aluno está falando de suas características, ou seja, a sua descrição, mesmo não estando de acordo, não se deve fazer nenhuma intervenção, pois neste momento devemos respeitar a sua visão. Repeti a dinâmica com todos os alunos que se manifestaram. Após a dinâmica, realizamos uma atividade que teve como objetivo construir a própria identidade. A atividade chama-se “Meu retrato, minha imagem”. Levei para a sala de aula em folhas xerocadas, vários tipos de cabelos, rostos, bocas, nariz, olhos. Pedi que eles montassem o seu retrato e que socializassem à turma. O resultado foi muito interessante, pois pude detectar que meus alunos tinham preconceito no que diz respeito à cabelos ondulados e crespos. A maioria dos meus alunos definiu o seu perfil com cabelos lisos, mesmo não os tendo.

Trabalhei dois textos: “Como o povo brasileiro é formado?” e “Por que somos diferentes?” Os dois textos foram trabalhados através de atividades interpretativas e reflexivas. As reflexões giravam em torno das seguintes perguntas: “Você acha correto haver discriminação entre pessoas por causa da aparência física?” “Uma pessoa é mais bonita do que a outra porque tem cabelo liso?” “A pessoa de pele clara tem mais direitos do que a de pele escura?” “A aparência física vale mais do que o interior das pessoas?” Durante as reflexões com os alunos, as minhas intervenções foram baseadas na valorização da identidade e das diversidades culturais e étnico racial.

Pegando um gancho nas discussões sobre as diversidades, passamos para o outro tema “A influência africana no nosso idioma, na música, na dança e na nossa culinária. Através de atividades lúdicas como caça-palavras, cruzadinha, palavras embaralhadas e textos mostramos para os alunos que muitas palavras

que usamos no dia a dia tem sua origem de outros lugares. Várias palavras de origem africana foram incorporadas ao nosso vocabulário. E que algumas danças e músicas atribuídas nos gostos dos brasileiros, como samba de roda, maracatu, a capoeira são de origem africana. A influência da cultura africana é também evidenciada na culinária regional brasileira. Quem nunca comeu uma deliciosa feijoada? Canjiquinha, acarajé, pamonha, canjica, cocada...?

Durante a realização deste tema, os alunos demonstraram muito interesse, participando ativamente e fazendo perguntas diante algumas situações de dúvidas. Em relação à culinária, alguns alunos apresentavam-se surpresos ao conhecer a origem das comidas utilizadas em seu cotidiano, pois achavam que os africanos comiam alimentos diferentes dos nossos. Um aluno chegou a perguntar se os africanos comiam arroz. Através das atitudes dos alunos, pude notar que há um desconhecimento por parte dos pais sobre o assunto. As atitudes dos alunos é o reflexo do seu cotidiano com os pais.

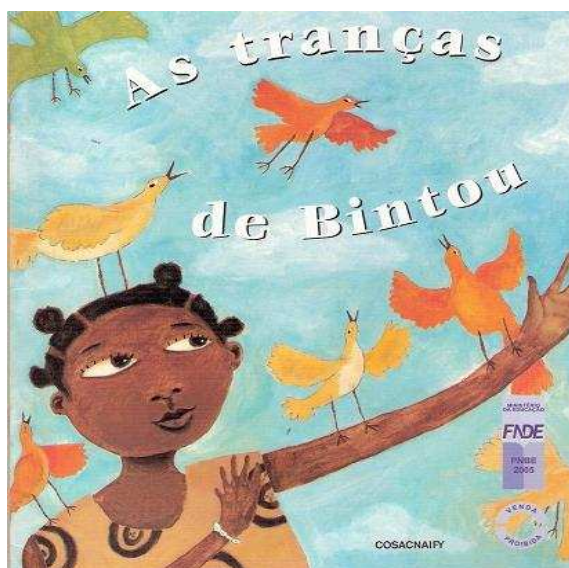


Na busca em reafirmar a identidade dos alunos elevando sua autoestima, apoiei-me na literatura infantil. No livro “O cabelo de Lelé” de Valéria Belém, tive a oportunidade de retomar uma questão que destacou negativamente no início do projeto e que é o símbolo mais visível na negritude, o cabelo. A partir do livro, fizemos uma discussão sobre os vários tipos de cabelos das pessoas da escola e da turma. Na discussão enfocamos a valorização da diversidade e o respeito às diferenças exaltando a beleza da herança africana. Elaboramos um lindo mural em que consistem em meninas com variados cachos

representado com espiral de cadernos. Depois de pronto, o mural serviu de plano de fundo para sessões de fotos entre os alunos.



No livro “Menina bonita de laço de fita” de Ana Maria Machado, foi um momento único da discussão sobre a diversidade e autoestima. No livro a menina negra é definida de uma forma delicada desprendida dos padrões de beleza da sociedade. Estimula a menina negra a se achar bonita exatamente do jeito que é. Montamos um mural e confeccionamos lindas bonecas negras de lã.



Trabalhamos, também, o livro “As tranças de Bintou” de Sylvia A. Diouf,

em que uma menina africana chamada Bintou tinha um sonho: ter tranças no cabelo como todas as mulheres mais velhas de sua aldeia. Bintou aprende a ser feliz com seus quatro biotes no cabelo. Fizemos, também, um momento de discussão e montamos um lindo mural com a figura de Bintou colorida pelos alunos.

8. AVALIAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

No decorrer do trabalho, percebi que os alunos gostaram e demonstraram interesse pelo assunto. No começo, demonstraram um pouco de estranhamento pelo tema, pois era algo novo do que somente ouvira falar. Eles tinham uma visão de África somente do lado da miséria. A partir desse trabalho realizado dei uma pincelada no tema e creio que plantei uma sementinha positiva.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Plano de Ação foi desenvolvido apenas em uma turma de 3º ano do 1º ciclo na Escola Municipal Antônia Ferreira. As atividades foram realizadas com sucesso, pois conseguimos alcançar os objetivos propostos. Os alunos receberam o tema abordado com muito otimismo e alegria. As aulas foram dinâmicas, pois houve muita participação de todos envolvidos.

As ações desenvolvidas deram oportunidade às crianças de estar em contato com a literatura infantil, conhecer a influência africana no idioma, na culinária e na nossa formação cultural e social. Participaram ativamente nas oficinas confeccionando máscaras africanas dobraduras de animais da selva africana e bonecas negras, a partir das histórias trabalhadas na turma.

Durante a realização do Plano de Ação procurei ficar atenta ao comportamento dos alunos, observando se houve mudança de atitudes quanto à valorização da nossa cultura e reconhecimento da identidade brasileira. Percebi que ao trabalhar a formação do povo brasileiro, durante a realização da dinâmica do espelho, os alunos não tiveram nenhum problema quanto ao tom da pele, mas demonstraram dificuldade em descrever seus cabelos quando era crespo. Todos queriam ter cabelos lisos. Mesmo depois de trabalhar o livro “O cabelo de Lelê”, e “As tranças de Bintou”, senti uma certa resistência na aceitação do cabelo crespo.

Sabemos que a cor da pele e o cabelo são símbolos visíveis da negritude. O papel desempenhado pela dupla cabelo e cor da pele na construção da identidade negra carrega uma forte carga identitária e em algumas situações, é visto como marca de inferioridade.(Gomes, 2002).

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**. São Paulo: Ibep- Nacional, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – **Apresentação de temas transversais e ética**. Brasília: 2001.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na escola: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da Identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KIRIKOU ET AL Sorciè. Direção: Michel Ocelot. França, Bélgica, Luxemburgo: 1998. 1 DVD (74 min), son., dubl., color.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira Histórias e histórias**. São Paulo, Editora Ática, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita de Laço de Fita**. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros Personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. Salvador, 2003^a. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Refletindo sobre a Lei 10.639/03: possibilidades do ensino de Geografia a partir de um tensionamento do Movimento Negro**. Trabalho apresentado no XII Encontro de Geógrafos da América Latina – EGAL. Montividéu, 2009.

SYLVIANE, A. Diouf. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

11. ANEXOS

OFICINAS REALIZADAS

ZUMBÍ DOS PALMARES





MÁSCARA AFRICANA





**OFICINAS DOS LIVROS DE LITERATURA
“O CABELO DE LELE”**





“MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”





“AS TRANÇAS DE BINTOU”

